

Saetta Cottone, Rossella

Jean Bollack e Empédocles: uma história de philotès

ANAIIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA

JEAN BOLLACK E EMPÉDOCLES: uma história de *philotès*

Rossella Saetta Cottone¹
CNRS

*Joignant les cimes l'une à l'autre,
Ne pas dire un seul chemin de mots.
Empédocles,
fr. 22 Bollack (=fr. 24 DK)*

O interesse por Empédocles aparece desde cedo no percurso científico e intelectual de Jean Bollack, pesquisador que sem dúvida mais contribui para a reconstrução e para a compreensão do pensamento do filósofo de Agrigento, se esforçando para restabelecer a unidade de seu sistema filosófico a partir do *corpus* dos fragmentos e dos testemunhos transmitidos pela tradição de sábios.

Seu primeiro projeto de tese, que ele pretendia realizar sob a direção de Peter Von de Mûhl, em Basileia, na Suíça, já tratava sobre a doxografia. Jean Bollack se propôs, nesta ocasião, a mostrar que a doxografia remonta mais para trás, que já havia, antes de Platão, descrições de sistemas filosóficos antigos, algo como uma história do pensamento.

A partir de um estudo minucioso da *Doxographii Graeci* de Diels, que ele acaba por conhecer de maneira magistral, ele passa a admirar Empédocles, sem dúvida também por causa da relativa riqueza dos fragmentos e testemunhos sobre este autor, e decide fazer sua tese sobre ele. Assim, tendo voltado a Paris logo após a guerra, para acabar seus estudos e começar sua tese, ele propôs a Pierre Chantraine, seu primeiro interlocutor parisiense ao qual fora recomendado por Peter Von de Mûhl, trabalhar sobre Empédocles. Esse trabalho de

¹ Agradeço a Mayotte Bollack, que se dispôs de bom grado a ter comigo acerca dos estudos de Jean Bollack sobre Empédocles. Ela me forneceu lições preciosas sobre a gênese dos seus estudos e indicações bibliográficas essenciais a propósito de sua recepção no meio universitário e em outros círculos.

grande fôlego devia detê-lo durante duas décadas, até a publicação dos quatro volumes sobre o poema físico (*As Origens*²). Jamais se separarão ao longo de sua vida, como mostra a publicação, em 2003, de sua edição dos *Catharmes (As Purificações)*³. Uma etapa fundamental foi sem dúvida um convite para ir a Berlim, onde ele foi acolhido no seio do seminário sobre os Pré-socráticos dirigido por Uvo Hölscher e por Kurt von Fritz, graças ao apoio do CNRS francês. Lá ele encontrou Heinz Wismann, na época com 22 ou 23 anos de idade, que veio a ser o seu principal interlocutor e um colaborador bastante próximo no trabalho sobre os Pré-socráticos que ele iria desenvolver depois⁴. E é aí, junto de Uvo Hölscher e por Kurt von Fritz, que ele desenvolveu a sua teoria do ciclo, a parte do sistema empedocliano mais controversa entre os pesquisadores modernos. Contra os defensores, que hoje são cada vez mais numerosos, da existência no sistema empedocliano de um duplo ciclo e de um duplo vir a ser, um localizado sob o signo do Amor, o outro localizado sob o signo do Ódio, Jean Bollack defendeu a ideia de um ciclo cósmico único, correspondente ao retorno – após a explosão da Esfera e a recomposição dos quatro elementos em nosso mundo sobre a ação concomitante e oposta do Amor e do Ódio – estado cujo o universo é nascido, o “ciclo” não foi finalmente para ele senão um movimento perpétuo conduzindo do Um ao Múltiplo e do Múltiplo novamente ao Um. Desta maneira, o pesquisador admitiu a coincidência do resultado final do ciclo com sua origem (ver sobretudo *As Origens*, vol I, p. 97-124). Para fazer isso, ele retomou e valorizou o testemunho de Simplicio em seu comentário ao *De caelo* de Aristóteles já defendido por S. Karten e por Ch. Kahn, apoiando-se em uma reflexão muito profunda sobre a natureza das forças antagônicas que movem o universo, e substituiu as citações parciais de Aristóteles no quadro do pensamento deste último, para reestabelecer sua coerência interna sob a superfície de sua interpretação sistematizante.

Após seu retorno à França e sua indicação à Universidade de Lille, em 1960, demorou ainda alguns anos para que Jean Bollack sustentasse a tese sobre a física empedocliana, sua “grande tese” ou “*thèse d'État*”, como se chamava à época, que lhe deu acesso ao posto de professor. Isso aconteceu em 1965 junto à Universidade da Sorbonne. Jacqueline de Romilly

² J. Bollack, *Empédocle I. Introduction à l'ancienne physique*, Paris, Éditions de Minuit, 1965 ; *Idem, Empédocle II et III. Les Origines*, édition, traduction et commentaire des fragments et des témoignages, 3 voll., Paris, Éditions de Minuit, 1969 (a obra foi reeditada em três volumes em 1992, pela Gallimard).

³ Empédocle. *Les Purifications. Un projet de paix universelle*, édité, traduit et commenté par Jean Bollack, Paris, Éditions du Seuil, 2003.

⁴ Ver em particular J. Bollack, H. Wismann, *Héraclite ou la Séparation*, édition, traduction et commentaire des fragments, Paris, Éditions de Minuit, 1972 (2^e édition, avec une nouvelle préface, 1995) ; J. Bollack, *Parménide, de l'étant au monde*, Verdier, Paris, 2006.

Saetta Cottone, Rossella

Jean Bollack e Empédocles: uma história de philotès

fez parte da banca, junto ao público parisiense estavam igualmente seus amigos próximos como o filólogo Peter Szondi, vindo da Alemanha, o poeta Paul Celan, que um pouco depois consagrou um poema “Mudança de lugar” à leitura de Bollack de um fragmento de Empédocles⁵, ou ainda Jacqueline Piatier, diretora do suplemento literário do *Monde*, *Le Monde des Lettres*, que assistiu à defesa até o fim, e, quando da publicação da obra, em 1969 (para as *Éditions de Minuit*, na coleção “*Le Sens commun*” dirigida por Pierre Bourdieu), apresentou duas páginas em seu jornal, com uma resenha de Pierre Aubenque e uma intervenção de Heinz Wismann⁶. Deste conjunto de reflexões, que constituem a primeira “recepção” parisiense da obra, se pode já alargar os principais aspectos da novidade da contribuição bollackiana aos estudos de Empédocles, sua singularidade tanto científica quanto intelectual, suas considerações metodológicas e filosóficas inovadoras para a época, mas que viriam a mudar profundamente a maneira de trabalhar sobre os Pré-socráticos das gerações sucessivas, apesar das oposições, por vezes agressivas, que ele encontrou. O que distinguia esse estudo imponente sobre Empédocles era, já de início, a superação da perspectiva historiográfica que dominava os estudos sobre a filosofia antiga desde o século XIX e continuava a exercer sua influência nos meios acadêmicos, notadamente na França e na Alemanha, em nome de um ponto de vista especificamente “filológico”. Pierre Aubenque escreve acerca disso:

“Jean Bollack não se pergunta se Empédocles é ou não precursor da metafísica aristotélica, da cosmologia ptolomaica, ou da química, da biologia ou mesmo da sexologia modernas. Nenhum capítulo é consagrado à influência póstuma do pensador de Agrigento, nenhuma alusão aos falsos sentidos geniais que tal ou tal dos seus versos, isolado do conjunto, inspirará em Hölderlin ou Nietzsche. Jean Bollack se contenta – e isso não é o mais fácil – a deixar ser o poema de Empédocles no esplendor ambíguo de seu surgimento e de fazer ver, através dele, o mundo que ele abre aos homens a partir da terra grega, isto é, de uma sociedade e de uma cultura, mas também, e antes de tudo, de uma língua. Jean Bollack é e se quer filólogo, mesmo se a filologia se exerce sobre uma obra cuja pretensão organizadora e totalizante se aparenta desse gênero que o pensamento posterior chamará de “filosofia”. A contribuição não é da ordem do discurso teórico, mas da *práxis* artesanal: reconstituir uma obra a partir dos fragmentos disjuntos, podados, sistematicamente arrancados de seu contexto pela tradição pouco cuidadosa da arqueologia”.

⁵ O poema se encontra em Paul Celan, *Gesammelte Werke*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 2000, vol. III, p. 118. Em seguida, quando ele se consagrou à interpretação da obra poética de Paul Celan, Jean Bollack dedicou um estudo a esse poema. Ver J. B., *Poésie contre poésie. Celan et la littérature*, Paris, Presses Universitaires de France, 2001, chapitre 13, p. 196.

⁶ *Le Monde*, 20/12/1969, suplemento ao número 7756.

Jean Bollack leva adiante esse trabalho minucioso e inesgotável de "arqueólogo" do texto em diversas frentes: 1) atendo-se a compreender a língua de Empédocles, a partir de suas palavras e, antes de tudo, de sua sintaxe, segundo uma démarche que aliava filologia e interpretação, na esteira de uma tradição hermenêutica mais alemã do que francesa; 2) valorizando o testemunho dos doxógrafos antigos, aos quais ele reconheceu o estatuto de verdadeiros pensadores, contra uma tradição acadêmica bem estabelecida que os havia reduzido, amiúde, a simples compiladores de opiniões de outrem, sem qualquer parecer próprio sobre a matéria tratada (assim, nas suas edições dos fragmentos, Jean Bollack associou aos fragmentos a maior parte dos testemunhos significativos dos doxógrafos que, na coleção de H. Diels, foram relegados a uma rubrica à parte); 3) levando muito a sério o testemunho de Aristóteles, que ele se propôs desconstruir, para reencontrar, sob sua pretensão de situar Empédocles em uma história da progressão do pensamento amplamente orientado por seus pressupostos teóricos, a coerência própria ao pensamento do Agrigentino. No conjunto, esse esforço titânico de compreensão e de análise, que se reclamava a filologia, mas não se furtava às aporias da reflexão mais abstrata, visava a um só e único alvo: a reconstituição, através do recurso aos instrumentos da filologia e da crítica intelectual, de uma obra poética e filosófica potente, onde a coerência teórica se exprimia de uma forma fortemente sugestiva.

A recepção internacional foi largamente positiva, resenhas importantes apareceram, como as de Ch. Kahn (em *Gnomon* 41, 1969, p. 439-447) e de W. Burckert (em *Gnomon* 44, 1972, p. 433-442); mas não faltaram polêmicas, sobretudo na França, onde a filologia abria mão, de bom grado, da interpretação e privilegiava uma abordagem tecnicista do texto (cf. J. Defradas, *Un nouvel Empédocle?*, em *REG* 86, 1973, p. 212-223). E ao lado da recepção acadêmica, houve também uma recepção "ampla" no mundo das letras e da poesia francesas. O poeta Saint-John Perse, ao qual Jean Bollack consagrou um artigo no momento em que ele recebeu o prêmio Nobel⁷, leu e anotou os quatro volumes do Empédocles e quis conhecer pessoalmente Jean Bollack (um de seus últimos poemas, "*Les oiseaux*" ("Os pássaros"), faz empréstimo de numerosas metáforas de Empédocles); e Henri Michaux enviou a Jean Bollack um cartão postal retomando os versos empedoclianos na sua bela tradução "*C'est comme cela*

⁷ J. Bollack, « Ailleurs », dans *Honneur à Saint-John Perse*, Paris, Gallimard, 1965, p. 338-344 ; ver também J. Bollack, « En l'an de paille. Étude d'un poème de Saint-John Perse (*Vents*) », *Arguments* 19, 1960, p. 37-40.

Saetta Cottone, Rossella

Jean Bollack e Empédocles: uma história de philotès

qu’Ils deviennent, et la vie ne leur est pas donnée pour toujours ; / Mais pour autant que jamais Ils ne cessent d’échanger leurs chemins, / Ils sont toujours, immobiles, dans le cercle ("É assim que Eles devêm, e a vida não lhes foi dada para sempre; / Mas embora Eles jamais cessem de trocar seus caminhos, / Eles são sempre imóveis no círculo").

Essa recepção positiva contribuiu favoravelmente ao reconhecimento internacional de Jean Bollack: H. Cherniss o fez nomear o *Institute for Advanced Studies* de Princeton, onde ele prosseguiu com seus estudos sobre os Pré-socráticos.

Como nós dissemos no início, a reflexão sobre Empédocles acompanhou Jean Bollack ao longo de todo a sua vida. Tanto que, em 2003, ele consagrou às *Purificações* um pequeno volume contendo uma introdução, uma tradução e um comentário, no qual, revisitando sua posição inicial, afirmou com força a prioridade, se não cronológica, ao menos lógica do poema ético com relação ao poema sobre a natureza. Isso volta a dar um lugar de primeiro plano, no pensamento empedocliano, à sua mensagem "política" e a valorizar seu engajamento político, contra uma tradição, defendida por ele mesmo nos trabalhos precedentes, que havia privilegiado a parte física de sua reflexão⁸. Talvez seja esse o testemunho mais eloquente do engajamento intelectual de Jean Bollack, que, como o mestre de Agrigento, não recuou jamais diante do questionamento radical das tradições culturais e dos preconceitos partilhados pela maioria, e foi sempre animado pela necessidade de retornar incessantemente sobre os resultados de sua reflexão, com o fito de verificá-la e, sendo o caso, de corrigi-la.

[Tradução de Felipe Pinto e Rafael Barbosa.]

⁸ Ver a esse propósito A. Laks, « *Hysteron proteron. Des Origines aux Purifications* », em Ch. König, D. Thouard (éds.), *La Philologie au présent. Pour Jean Bollack*, Presses Universitaires du Septentrion, Villeneuve d’Ascq, 2010, p. 19-26.